

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES:

CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH

PERNAMBUCANOS

AN



Realização:

HISTÓRIA

Escola de Educação,

Humanidades, Direito,

Economia e Gestão

PÓS-GRADUAÇÃO DE PESQUISA

POSI-GRADUAÇÃO E INovação

PPGH

PERNAMBUCANO

CATÓLICA

UNIVERSIDADE

VISÃO

huns poucos obscuros, e miseráveis
estão da soege, e prosperi-
teurgido do abismo, à que
perpetráraõ o louco,
do escuro
da Villa de Santo
Pedro

A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA-CEARÁ: PROCESSO DE FOLCLORIZAÇÃO COM DESTAQUE AOS GRUPOS DE REISADO

Georgia Rolim da Silva

Programa Pós-Graduação em História PPGH

rolimgeorgia08@gmail.com

Resumo: A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, realizada em Barbalha-CE, é uma das manifestações culturais mais significativas do Nordeste brasileiro, iniciada em 1928. Anualmente, a celebração ocorre no domingo de abertura do ciclo festivo de Santo Antônio, quando um mastro é carregado pelas ruas e erguido ao lado da Igreja Matriz, marcando o início das festividades. Na década de 1970, durante a gestão do prefeito Fabriano Sampaio, os grupos folclóricos, especialmente os Reisados, ganharam destaque e apoio institucional, impulsionando um processo de resgate e valorização das tradições locais. O Reisado, dividido em modalidades como Congo, Couro e Bailes, é um dos pontos altos da festa, com cortejos que simbolizam a chegada dos Reis Magos e envolvem danças e cânticos típicos. A festividade mistura fé e cultura, atraindo turistas e devotos interessados na simbologia mística do “pau de Santo Antônio”, famoso por sua promessa de casamento para aqueles que o tocam com fé. Essa celebração se consolidou como um importante evento turístico e cultural de Barbalha, representando a identidade nordestina em sua essência e destacando a tradição viva e dinâmica da cultura popular cearense.

Palavras-chave: Cultura popular; Tradição; Reisado.

INTRODUÇÃO

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, realizada anualmente na cidade de Barbalha, Ceará, é um dos eventos mais significativos do calendário cultural brasileiro. Essa celebração, que combina elementos religiosos e populares, destaca-se por sua grandiosidade e por ser um espaço de interação social e memória coletiva. O ponto alto da festa é o carregamento do Pau da Bandeira, um mastro dedicado a Santo Antônio, transportado por centenas de homens até a Igreja Matriz. Além desse rito central, diversas manifestações culturais, como os grupos de reisado, compõem a programação, evidenciando a riqueza do patrimônio imaterial da região (Santos, 2015).

A origem da festa remonta ao século XIX, com registros de sua evolução histórica e cultural atrelados às mudanças na estrutura urbana e social de Barbalha. Inicialmente voltada para expressões de fé, a celebração passou a incorporar elementos profanos ao longo do tempo, refletindo processos de carnavalização e folclorização. Esses fenômenos, especialmente a partir da segunda metade do século XX, transformaram a festa em uma importante atração turística e cultural, integrando-a ao patrimônio imaterial reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013).

No contexto contemporâneo, a Festa do Pau da Bandeira desempenha um papel essencial na preservação e promoção da identidade cultural barbalhense. Ela não apenas celebra a devoção a Santo Antônio, mas também funciona como um espaço de resistência e recriação cultural, reunindo diferentes práticas e narrativas de grupos sociais. Nesse cenário, os grupos de reisado têm destaque por suas apresentações teatrais e musicais, que misturam tradição e inovação (Castro, 2011).

No caso da Festa do Pau da Bandeira, a folclorização não apenas preserva elementos tradicionais, mas também os adapta às demandas contemporâneas, como o turismo e as políticas públicas de valorização do patrimônio. O estudo desses processos oferece uma compreensão mais ampla sobre como práticas culturais se ajustam às mudanças, sem perder suas características essenciais (Souza, 2000).

Além disso, é necessário destacar o papel dos grupos de reisado nesse contexto. Esses grupos, inseridos na programação oficial da festa, têm vivenciado mudanças em suas performances e significados, impulsionadas pelo reconhecimento da festa como

patrimônio cultural e pela demanda por espetáculos turísticos (Figueiredo Filho, 1962). A pesquisa se justifica por examinar como esses grupos articulam a preservação de tradições com a necessidade de se adaptar ao cenário contemporâneo, garantindo sua permanência como elemento central da celebração.

O principal objetivo deste artigo é explorar o processo de folclorização da Festa do Pau da Bandeira, com ênfase nas dinâmicas que envolvem os grupos de reisado. Para isso, busca-se investigar como essas manifestações culturais têm sido moldadas pelas demandas sociais, políticas e econômicas, bem como pela atuação de instituições como o IPHAN. Pretende-se compreender, ainda, como os grupos de reisado contribuem para a manutenção da memória cultural e da identidade barbalhense, ao mesmo tempo em que dialogam com as transformações impostas pelo tempo.

Ao analisar o impacto da folclorização na Festa do Pau da Bandeira, é possível identificar os desafios e as potencialidades desse processo para o fortalecimento da cultura local e para a promoção do turismo cultural no Ceará. Assim, o artigo busca oferecer subsídios teóricos e práticos para a reflexão e a gestão do patrimônio cultural imaterial.

Por fim, a análise do papel dos grupos de reisado na festa permite evidenciar a complexidade das interações entre os diversos agentes envolvidos no evento. Seja como protagonistas nas apresentações culturais, seja como portadores de saberes tradicionais, esses grupos exemplificam a capacidade de adaptação e resistência das culturas populares diante das exigências contemporâneas. Nesse sentido, a Festa do Pau da Bandeira e seus reisados destacam-se como um campo fértil para o estudo das dinâmicas culturais e sociais no Brasil atual.

A FESTA DO PAU DA BANDEIRA: HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES

A origens da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio remontam ao século XIX, quando o carregamento do mastro dedicado a Santo Antônio começou a ser realizado como parte dos festejos em honra ao padroeiro da cidade. Inicialmente, a festa tinha um caráter marcadamente religioso, com foco na devoção e nas práticas católicas tradicionais. No entanto, ao longo do tempo, a celebração evoluiu, incorporando aspectos profanos que enriqueceram sua dimensão cultural e ampliaram seu alcance social (Silva, 2011).

De acordo com Irineu Pinheiro (2009), a cidade de Barbalha experimentou significativas transformações urbanas desde a segunda metade do século XIX, e a festa acompanhou essas mudanças. Originalmente um evento restrito às comunidades rurais, o festejo foi gradativamente sendo incorporado à dinâmica urbana, refletindo o crescimento da cidade e sua integração a novas formas de sociabilidade. A urbanização trouxe consigo a necessidade de reconfigurar os espaços e as práticas culturais, ampliando o caráter público da celebração e reforçando seu papel como elemento de identidade local².

Essa urbanização também influenciou o significado da festa, que passou a ser vista como um símbolo de pertencimento e coesão social. A ligação entre a devoção a Santo Antônio e a cultura popular fortaleceu-se, com a participação de diversos grupos sociais, incluindo trabalhadores rurais e urbanos, comerciantes e artistas. Nesse contexto, o carregamento do Pau da Bandeira tornou-se um rito central, marcando o início oficial dos festejos e atraindo um grande público para a cidade (Brito, 1985).

A devoção a Santo Antônio, padroeiro de Barbalha, é um elemento fundamental da festa, integrando o sagrado e o profano em uma celebração única. A tradição católica de venerar o santo casamenteiro e protetor das famílias é expressa em missas, novenas e na trezena dedicada a ele. Paralelamente, a festa ganhou elementos populares, como a música, a dança e os grupos folclóricos, que criam uma atmosfera de alegria e celebração comunitária. Essa integração reflete a capacidade da festa de articular diferentes dimensões da experiência humana, mesclando fé e entretenimento (Cascudo, 1998).

Um dos aspectos mais notáveis da festa é sua dimensão performática, que inclui a participação de grupos culturais como reisados, quadrilhas juninas e bandas cabaçais. Esses grupos contribuem para a riqueza do evento, trazendo narrativas e estéticas que valorizam as tradições locais. O Reisado de Congo, por exemplo, é uma das expressões mais emblemáticas, representando as batalhas simbólicas entre mouros e cristãos, enquanto promove a interação entre a religiosidade e a teatralidade popular (Silva, 2011).

Ao longo do século XX, a Festa do Pau da Bandeira consolidou-se como um importante evento cultural no Ceará. Sua popularidade atraiu atenção de órgãos públicos e instituições culturais, culminando no reconhecimento oficial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013). Em 2015, a festa foi

registrada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, um marco que destacou sua relevância não apenas para Barbalha, mas para todo o país (Silva, 2019).

O reconhecimento pelo IPHAN trouxe mudanças significativas para a festa, incluindo a adoção de políticas de preservação e promoção cultural. Essas medidas visam garantir a continuidade das tradições, ao mesmo tempo que adaptam a celebração às exigências contemporâneas. Entre as ações implementadas estão o inventário detalhado dos bens culturais associados à festa e o apoio aos grupos folclóricos que participam do evento (IPHAN, 2013).

A folclorização da festa é um processo que tem gerado debates sobre a preservação e a transformação das tradições locais. Por um lado, a institucionalização da festa contribuiu para seu fortalecimento, garantindo visibilidade e recursos para sua realização. Por outro, trouxe desafios relacionados à comercialização e à adaptação das práticas culturais às demandas turísticas. Nesse contexto, a festa exemplifica as tensões entre tradição e modernidade, destacando a complexidade de gerir um patrimônio cultural vivo (Santos, 2015).

Apesar das mudanças, a festa mantém sua essência como uma celebração popular profundamente enraizada na comunidade de Barbalha. O envolvimento dos moradores locais é um aspecto central, desde os carregadores do mastro até os artistas que integram os grupos folclóricos. Essa participação ativa reforça o papel da festa como um espaço de expressão coletiva e de fortalecimento das identidades culturais (Silva, 2019).

A interação entre o sagrado e o profano é uma característica que confere à festa um caráter único. O Pau da Bandeira, por exemplo, é carregado com grande esforço físico e devoção, enquanto a música, a dança e a cachaça criam um ambiente de descontração e celebração. Essa dualidade é um reflexo da cultura brasileira, onde as fronteiras entre o religioso e o secular são frequentemente borradadas (Silva, 2019).

Outro elemento central da festa é sua capacidade de atrair visitantes de diferentes regiões, tornando-se um motor para o turismo cultural em Barbalha. A festa não apenas promove a economia local, mas também cria oportunidades para o intercâmbio cultural, reforçando a imagem da cidade como um polo de cultura popular. Esse impacto positivo é um dos motivos pelos quais a festa é tão valorizada, tanto pela comunidade local quanto pelos gestores culturais (Santos, 2015).

Além de seu impacto cultural e econômico, a festa desempenha um papel educativo, promovendo o conhecimento sobre as tradições e histórias locais. As escolas de Barbalha frequentemente integram a festa em suas atividades pedagógicas, utilizando-a como um recurso para ensinar sobre a cultura e a história da região. Essa

dimensão socioeducativa é mais um exemplo de como a festa transcende seu caráter celebrativo para se tornar um instrumento de construção de conhecimento e cidadania (Santos, 2015).

Com o passar dos anos, a festa tornou-se um laboratório vivo para o estudo das dinâmicas culturais e sociais no Brasil. De acordo com Océlio Souza (2000), a festa exemplifica como tradições populares podem se adaptar e resistir às transformações, mantendo sua relevância em um mundo em constante mudança. Essa capacidade de se reinventar sem perder sua essência é uma das razões pelas quais a festa continua a ser um objeto de estudo e admiração.

Em resumo, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é mais do que um evento anual; é um símbolo de identidade e resistência cultural. Sua história e transformações refletem os desafios e as oportunidades de preservar um patrimônio cultural vivo em um contexto contemporâneo. Ao mesmo tempo, a festa oferece uma janela para compreender as complexas relações entre tradição, modernidade e globalização (Silva, 2019).

Enxerga-se que a celebração reafirma o papel central da cultura popular na construção de uma sociedade mais inclusiva e plural. Ela é um testemunho da riqueza cultural de Barbalha e uma inspiração para outras comunidades que buscam preservar suas tradições enquanto abraçam a modernidade. Nesse sentido, a Festa do Pau da Bandeira é um exemplo vibrante de como a cultura popular pode ser uma força transformadora e unificadora.

PROCESSO DE FOLCLORIZAÇÃO

De acordo com Souza (2000), a folclorização é um processo cultural e social que transforma manifestações populares em bens culturais reconhecidos, muitas vezes adaptando-as para novos contextos sociais, políticos e econômicos. Segundo os estudos culturais e antropológicos, esse conceito implica a seleção, reinterpretiação e institucionalização de práticas culturais, frequentemente com o objetivo de preservá-las ou promovê-las. Apesar de parecer um esforço para garantir a continuidade das tradições, a folclorização também gera transformações que podem modificar os significados originais dessas práticas.

Assim um dos elementos centrais da folclorização é a mediação entre a cultura popular e as demandas das instituições e do mercado. Essa mediação pode ocorrer de forma orgânica, a partir das próprias comunidades, ou ser impulsionada por agentes externos, como governos, organizações culturais e o setor turístico. No caso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, o processo de folclorização foi acelerado pelo envolvimento de órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que registrou a festa como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2015 (Silva, 2019).

O papel do poder público nesse processo é crucial, pois envolve a articulação de políticas culturais e a destinação de recursos para a preservação do patrimônio imaterial. No Ceará, a festa recebeu apoio por meio de ações voltadas para o inventário e salvaguarda de seus elementos, como os grupos folclóricos, as tradições religiosas e as performances populares. Essas ações têm o objetivo de assegurar que a festa continue a desempenhar sua função como espaço de memória coletiva e expressão cultural (Souza, 2000).

Ao mesmo tempo, as instituições culturais, como o IPHAN, atuam como mediadoras entre as comunidades locais e o reconhecimento oficial. No caso da Festa do Pau da Bandeira, o IPHAN realizou pesquisas detalhadas sobre os elementos constitutivos da celebração, contribuindo para a sua valorização e promovendo debates sobre a relação entre tradição e modernidade. Essa atuação institucional tem implicações diretas sobre como a festa é percebida e vivida, tanto pela comunidade local quanto pelos visitantes (Cardoso, 2013).

No entanto, o processo de folclorização não ocorre sem controvérsias. Muitos estudiosos apontam para as tensões entre a preservação e a transformação das práticas culturais. À medida que as manifestações populares são adaptadas para atender a novas demandas, como o turismo e a política de patrimônio, existe o risco de descaracterização. Na Festa do Pau da Bandeira, por exemplo, algumas performances tradicionais foram ajustadas para se adequarem a roteiros e expectativas dos turistas, alterando sua espontaneidade original (Cardoso, 2013).

Por outro lado, a folclorização também pode ser vista como uma estratégia de resistência cultural. Ao garantir o reconhecimento e a visibilidade de tradições locais, o processo cria oportunidades para a revitalização de práticas que poderiam desaparecer. Na festa de Barbalha, a integração de grupos folclóricos como reisados, quadrilhas e

bandas cabaçais na programação oficial tem ajudado a perpetuar essas expressões culturais, mesmo que de forma adaptada.

De acordo com o historiador Océlio Souza (2000), a adaptação às demandas turísticas é uma característica marcante da folclorização. Na Festa do Pau da Bandeira, o turismo desempenha um papel importante na economia local, atraindo visitantes de todo o Brasil e até do exterior. Para atender a esse público, a festa incorporou elementos de espetáculo, como desfiles coreografados e apresentações musicais em grande escala, que buscam combinar tradição e entretenimento.

Para o autor, essa adaptação também inclui a organização de eventos paralelos, como feiras de artesanato e gastronomia, que ampliam a experiência cultural dos visitantes. Embora essas iniciativas sejam positivas do ponto de vista econômico, as mesmas podem gerar debates sobre a "espetacularização" das tradições e sua transformação em produtos consumíveis. No entanto, para a comunidade local, o impacto econômico dessas atividades é inegável, criando empregos e fortalecendo o comércio regional (Souza, 2000).

Além disso, a folclorização promove a internacionalização das tradições locais. O reconhecimento oficial como patrimônio cultural, aliado à promoção turística, posiciona a festa no cenário global, ampliando seu alcance e impacto. Essa visibilidade pode atrair investimentos e incentivar a produção acadêmica e artística em torno do tema, contribuindo para a preservação e o estudo das tradições (Cardoso, 2013).

Ao longo desse processo, a comunidade local desempenha um papel ativo, tanto como guardiã das tradições quanto como protagonista das transformações. No caso da Festa do Pau da Bandeira, os carregadores do mastro, os mestres de reisado e os organizadores são exemplos de como os indivíduos podem articular as demandas externas com as necessidades internas da comunidade, garantindo que a festa continue a refletir sua identidade cultural (Cardoso, 2013).

O envolvimento da comunidade também é evidente na criação de novos significados para práticas tradicionais. A folclorização não apenas preserva, mas também reinventa as tradições, adaptando-as às condições contemporâneas. Essa capacidade de inovação é o que permite à festa permanecer relevante e atrativa, mesmo em um mundo em constante mudança (Cardoso, 2013).

Do ponto de vista educacional, a folclorização da festa tem gerado impactos positivos, especialmente no fortalecimento da identidade cultural das novas gerações. Escolas locais frequentemente utilizam a festa como tema de projetos pedagógicos,

ensinando sobre história, música e artes cênicas. Esses esforços ajudam a integrar as tradições ao cotidiano das crianças e jovens, garantindo sua continuidade no futuro.

Apesar dos desafios, o processo de folclorização também tem promovido diálogos importantes sobre diversidade cultural e inclusão. Ao reconhecer e valorizar manifestações populares, ele contribui para uma visão mais ampla e plural do patrimônio cultural brasileiro. A Festa do Pau da Bandeira, com sua mistura de sagrado e profano, é um exemplo emblemático de como a diversidade cultural pode ser celebrada e preservada²

OS GRUPOS DE REISADO NA FESTA: TRADIÇÃO, IDENTIDADE E MODERNIDADE NA FESTA

Os grupos de reisado, com destaque para o Reisado de Congo, são uma das manifestações culturais mais significativas da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. De acordo com Oswaldo Barroso (1996), o reisado é originário de tradições populares que remontam ao período colonial, os reisados combinam música, dança e teatro, criando performances que celebram histórias e valores locais. No caso do Reisado de Congo, a encenação de batalhas simbólicas entre mouros e cristãos é um dos elementos centrais, representando a vitória da fé cristã sobre adversidades, em uma narrativa que ressoa com os valores religiosos da festa (IPHAN, 2013).

Assim, a presença dos reisados na festa é resultado de um processo histórico de inclusão e valorização das expressões culturais locais. Durante o século XIX e início do XX, essas manifestações ocorriam de maneira espontânea nas comunidades rurais. Com o tempo, e especialmente com o crescimento urbano de Barbalha, os reisados foram integrados à programação oficial da Festa do Pau da Bandeira, assumindo um papel de destaque na celebração (Bezerra, 1998).

As características dos grupos de reisado variam, mas geralmente incluem a presença de mestres e contramestres, que lideram os participantes, além de instrumentos tradicionais como pandeiros, zabumbas e violas. O figurino colorido e os movimentos coreografados são outros elementos marcantes, que tornam as apresentações cativantes e únicas. Esses aspectos reforçam a identidade cultural da região e mostram a riqueza da criatividade popular, transformando cada apresentação em uma celebração da diversidade e do patrimônio cultural do Cariri (IPHAN, 2013).

Dessa forma, a folclorização teve um impacto significativo nos reisados, tanto em sua forma quanto em seu significado. O processo de institucionalização da Festa do Pau da Bandeira trouxe maior visibilidade para esses grupos, que agora integram uma programação organizada e patrocinada por entidades públicas e privadas. Essa nova dinâmica, embora positiva em muitos aspectos, também gerou adaptações nas performances, com ajustes feitos para atender às expectativas de turistas e patrocinadores. O resultado é uma interação complexa entre a preservação das tradições e as demandas contemporâneas (Bezerra, 1998).

Entre as mudanças mais perceptíveis está a profissionalização dos grupos, que passaram a ensaiar regularmente e a incorporar elementos mais elaborados em suas apresentações. Embora isso tenha elevado o nível técnico das performances, alguns críticos argumentam que a espontaneidade e a autenticidade dos reisados tradicionais podem ser comprometidas. Por outro lado, os grupos têm utilizado essas mudanças para inovar, mantendo vivas as tradições enquanto exploram novas formas de expressão (Araújo, 2013).

A relação entre os grupos de reisado e as estruturas organizadoras da festa é outro ponto central nesse processo. O poder público, por meio de instituições como a Secretaria de Cultura de Barbalha, e entidades culturais, como o IPHAN (2013), têm desempenhado um papel importante na valorização e na promoção dos reisados. Essas instituições oferecem apoio logístico e financeiro, além de criar espaços para as apresentações nos eventos oficiais. Apesar disso, os grupos frequentemente enfrentam desafios relacionados à falta de recursos e à necessidade de negociar seus interesses com os gestores culturais.

Essa relação também evidencia o potencial dos reisados como instrumentos de inclusão social e fortalecimento comunitário. Ao participarem da festa, os grupos reafirmam suas identidades culturais e fortalecem os laços sociais entre os membros da comunidade. Os mestres de reisado, em especial, são figuras centrais nesse processo, atuando como guardiões das tradições e como líderes comunitários que promovem o aprendizado e a transmissão de saberes populares (Araújo, 2013).

Observa-se que a interação entre tradição, identidade e modernidade é um dos aspectos mais fascinantes do papel dos reisados na Festa do Pau da Bandeira. Por um lado, os grupos mantêm vivas as narrativas históricas e as práticas tradicionais que definem sua essência. Por outro, os mesmos abraçam elementos modernos, como novas

tecnologias e estratégias de divulgação, que ampliam seu alcance e garantem sua relevância no cenário cultural contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente artigo, observou-se que as transformações decorrentes do processo de folclorização tiveram um impacto profundo na performance e no significado dos reisados dentro da Festa do Pau da Bandeira. Embora esse processo tenha garantido maior visibilidade e reconhecimento às manifestações culturais populares, ele também resultou em ajustes que alteraram aspectos tradicionais das apresentações.

Os grupos de reisado adaptaram suas práticas para atender às demandas de um público diversificado, incluindo turistas e patrocinadores, sem deixar de preservar sua essência. Essa dualidade entre inovação e tradição ilustra a resiliência das culturas populares, que se renovam sem romper com suas raízes. Ademais, a relação entre os grupos de reisado e as estruturas organizadoras da festa, como o poder público e entidades culturais, tem sido fundamental para a continuidade dessas manifestações, esse apoio institucional viabiliza a realização dos eventos e assegura a presença dos grupos na programação oficial.

Por fim, os reisados exemplificam a complexa relação entre tradição, identidade e modernidade na Festa do Pau da Bandeira. O grupo não apenas preserva narrativas e práticas históricas, mas também reflete a capacidade da cultura popular de se adaptar às transformações contemporâneas. Ao articular o sagrado e o profano, o local e o global, os reisados reafirmam seu papel como símbolos da identidade cultural de Barbalha, ao mesmo tempo em que se reinventam para dialogar com novos contextos. Essa dinâmica faz dos reisados um elemento central na celebração, conectando o passado e o presente em uma expressão vibrante e viva da cultura do Cariri.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Edvar Costa de. **Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira:** decifrando pluralidade e multiangulações. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da. (Org.). *Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha*. Fortaleza: IPHAN, 2013.

BARROSO, Raimundo Oswald Cavalcante. **Reis de Congo**. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da Imagem e do Som, 1996.

BEZERRA, Sandra Nancy. **Irmandades de penitentes do Sítio Cabeceiras (Barbalha-CE):** penitência e autoflagelo. Monografia (Especialização) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 1998.

BRITO, Maria do Socorro. **Mudanças na organização do espaço:** o novo e o velho no Cariri canavieiro cearense. Fortaleza: IOCE, 1985.

CARDOSO, Antônio Igor D. **(In) visibilidade de espaços festivos:** a centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CASTRO, Beatriz. **Chá do padroeiro dos casamenteiros faz milagre e acaba com a solteirice**. G1 Globo Repórter, Barbalha, Ceará, 24 jun. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/06/cha-do-padroeiro-dos-casamenteiros-faz-milagre-e-acaba-com-solteirice.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

IPHAN-CE. **Sentidos de devoção:** festa e carregamento em Barbalha. Organização Igor de Menezes Soares ; Ítala Byanca Morais da Silva. Fortaleza: Iphan, 2013.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **A festa que é a mesma, sendo continuamente outra:** a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades. 112f. João Pessoa, 2015.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa:** (re) significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha/CE. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Jane. **Um “Oásis” Chamado Cariri:** Instituto Cultural do Cariri, Natureza, Paisagem e Construção Identitária do Sul Cearense (1950-1970) / Jane Silva. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 267 p. 2019.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998).** 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.